

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistado: Mauro Gonçalves

Comunidade de Campinhos e Capim Puba, município de Virgem da Lapa, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Junho, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. "Um mar de eucalipto" – Entrevista de Mauro Gonçalves. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

”Um mar de eucalipto”

As comunidades de Campinhos e Capim Puba já foram muito produtivas. Ali se plantava mandioca, cana, criava-se gado, além do extrativismo que tornava possível colher pequi, mangaba, frutos próprios da chapada que permeia as comunidades. Mas depois da chegada das plantações de eucalipto, a água foi secando e tudo foi ruindo, obrigando seus habitantes a migrarem para outros lugares, ou para a cidade, ou ainda mais longe: São Paulo e Belo Horizonte. Natural de Campinhos, Mauro Gonçalves já é a quarta geração da sua família que vive e luta para preservar o que ainda resta da chapada. Seu empenho é para preservar as terras que ainda permanecem intactas, inclusive detentoras de duas nascentes, que, se as plantações de eucalipto avançarem, correm sério risco de secar. “Essa terra é quilombola, não pode ser vendida, não pode ser desmatada, isso é importante para nós. Outra questão é o investimento em água. É preciso arranjar um meio de furar poços ou mesmo captar água de chuva”, pondera.

Meu nome é Mauro Gonçalves, sou nascido na comunidade de Campinhos. Sou casado, pai de três filhos, trabalho aqui na zona rural, na roça. Consigo conciliar o trabalho da roça com o da cidade. Estou estudando, no segundo ano de Administração de Empresas, e concilio essas coisas com certa dificuldade, mas consigo estudar, trabalhar e cuidar da minha família. E o que é mais importante, estou preservando a nossa cultura, nós somos um povo quilombola. Minha família vive nessa região há mais de cem anos.

Você sabe quanto tempo tem essa comunidade de Campinhos?

Aproximadamente 150 anos. Mais de cem anos eu tenho certeza.

Sua família está aqui desde quando, ou quantas gerações de sua família estão aqui, pais, avós?

Umás quatro gerações. Meu bisavô, meu avô, meu pai, e nós agora, com meus filhos. Então já são cinco gerações, aproximadamente.

Você comentava a história do seu avô. Qual foi a herança de seus bisavós para ele, em termos de terra aqui, o que ele herdou e como ele cuidou disso, e deixou isso para vocês?

Essa terra aqui era da esposa dele, que era minha avó. Ela herdou da família dela e a vida dele foi aqui, plantar, colher. Ele plantava mandioca, fazia farinha, plantava cana para fazer rapadura. E ele preservou essa área durante o tempo de vida dele. Ele faleceu com 77 anos. O pai dele criou ele aqui, ele morreu com 77 anos morando nessas terras. Antes aqui tinha uma abundância muito grande de água, e essa água veio secando com a chegada das plantações de eucalipto. Ele conseguiu preservar uma área muito pequena do eucalipto, aproximadamente uns 300 hectares de chapada que ele conseguiu preservar, e não foi plantado eucalipto. Mas, nos últimos anos, os outros moradores acabaram vendendo e plantaram eucalipto em volta, e secou nossa água aqui. Hoje resta uma pequena nascente.

Por que não dá para continuar aqui, qual a situação que impede as pessoas de ficarem aqui?

São vários fatores, um é a falta de água. Sem água é impossível, nossa água está muito pouca. Antes tinha bastante e foi diminuindo até tornar inviável a vida aqui. Nós temos pouca água e não tem investimento nenhum da parte pública. Não estamos captando água aqui, nem água de chuva e nem de poço artesiano.

Seu avô e bisavós eram daqui também?

Todos nascidos e criados aqui. Meu bisavô nasceu aqui, que criou meu avô, que criou minha mãe, tudo nessas terras, e que também me criou aqui. Só que a partir de mim, por exemplo, eu não consigo mais criar os meus filhos aqui igual ele nos criou. Eu preciso buscar uma complementação de renda fora, tenho que trabalhar na cidade e aqui ao mesmo tempo.

E no caso de seu avô, qual é a lembrança mais antiga sua de como ele preservava as terras?

Ele vivia plantando mandioca, uma cultura bem familiar, agricultura familiar. Ele plantava mandioca, cana, criava algumas cabeças de gado, vacas, além do extrativismo,

apanhando pequi, mangaba, tudo fruto da chapada. E também fazia artesanato para trocar por outras coisas na cidade. A base da subsistência dele eram essas.

Vocês têm aqui uma chapada que usam para subsistência. É de onde ainda conseguem tirar uma água mínima para sobrevivência, para questões de trabalho, para artesanato? Como essa chapada hoje é utilizada por vocês?

É utilizado por duas comunidades quilombolas, tanto a nossa como a comunidade de Almas. Eles também utilizam para extração do material das vassouras, para apanhar pequi, mangaba, para raízes medicinais. É usado para esse fim hoje. Porque as outras chapadas que existiam aqui foram desmatadas. Desmataram tudo na região aqui e plantaram eucalipto.

Qual o tamanho dessa chapada?

Eu creio que uns 300 hectares de chapada.

E quanto desses 300, para vocês, seria importante preservar?

Nosso objetivo é preservar ela integralmente, toda ela. Mas como tem esse conflito, o mínimo que a gente considera já seria alguma coisa. Tanto é que nós cercamos, levantamos uma cerca antiga que nós tínhamos, e que era propriedade de meu avô, onde ele plantava mandioca e abacaxi. Lá nós conseguimos cercar uns 87 hectares nessa chapada.

Mas qual o mínimo que vocês precisam para manter?

Esse talvez seria o mínimo. Mas o interessante é que ela fosse preservada toda. Ela não serve só para nós, ela serve para todos aqui. E meu avô nunca estabeleceu uma cerca para fechar ela, deixava o acesso livre para todo mundo. Aqui é um lugar de todo mundo, todas as comunidades vivem disso aqui.

Se eles tomaram conta, você disse que tem duas minas, o que acontece?

Tem duas nascentes na região. Acontece que vão secar, com certeza, porque assim que eles conseguirem documentação para desapropriar, eles vão desmatar para plantar eucalipto.

E secando essas duas nascentes, qual o reflexo disso para vocês?

Ah, é abandonar tudo, acabar tudo, porque a gente ainda mantém lá, vocês viram, planto abacaxi, laranja e mais alguma coisa, por conta da água que ainda existe. Secando essa água, eu vou plantar como? Não tem jeito.

São quantas famílias que compõem essas comunidades que você está falando?

Nessa comunidade nossa aqui, de Capim Puba e Campinhos, aproximadamente ainda umas 20 famílias que estão resistindo. Antes era bastante, mais de 70 famílias. Só que tiveram que mudar, todo mundo.

E mais as de Almas?

Almas eu não sei precisar quantas, a Kerlane (Kerlane Murta) deve saber melhor que eu.

No caso dessa luta que vocês têm para preservar essa terra, como tem sido as reações a ela?

Nós hoje entendemos que isso é uma questão vital para nós, a questão da terra, da água e a questão da chapada preservada. Para nós aqui é uma questão vital mesmo, de subsistência. Porque se forem tomadas essas terras, eles se apropriarem mesmo e se estabelecer cerca, o pessoal não vai poder entrar mais. Daí não vão conseguir tirar o material para a vassoura, não vão conseguir apanhar o pequi, que é fonte de renda para nós aqui. Então, acabando isso o jeito é largar tudo e ir embora.

Vocês foram ameaçados?

Eu me senti ameaçado, porque quando eu os procurei, tentei resolver de uma forma amigável. Tentei conversar com eles para deixar o mínimo de chapada para nós, que é um direito nosso. Todas as pessoas aqui que moram na região, os outros fazendeiros, as outras pessoas sabem que essa terra era cuidada pelo meu avô, cuidada há mais de cem anos pela minha família, que é da minha família, é uma posse da minha família, então esse pessoal sempre respeitou isso. Só que o pessoal que veio, veio para tomar mesmo. É uma coisa muito triste para nós, se perdemos isso, estamos perdendo nossa identidade e nossa forma de viver.

Em relação a cultura quilombola de vocês aqui, com essa situação toda que você contou, das pessoas saindo daqui para tentar sobreviver em outros lugares. Do que, dessa cultura, seja em termos de danças, comidas, festas, coisas que agregavam vocês, de tudo isso o que vocês conseguiram manter, se é que vocês mantiveram alguma coisa em função disso tudo?

A gente ainda mantém, porque participamos da festa de Nossa Senhora do Rosário, mas tudo na cidade. Na zona rural mesmo é muito pouca coisa, porque dispersou todo mundo. Um foi procurar a vida num lugar, outro em outro, ficou difícil mesmo preservar alguma cultura do local.

O que tinha antes?

Antes tinha festa, festa de bandeira no mês de junho. O pessoal reunia muito para fazer festa no final de semana. Tinha a cultura da comunidade. Reunia para fazer farinha, para fazer rapadura. Tudo em sistema de mutirão, um ajudando o outro. Só que como cada um foi para um lado aí ficou difícil para gente.

Vocês tocavam alguma coisa, tinha congada?

Era mais Folia de Reis no final de ano.

Até quando foi a Folia de Reis?

Que eu me lembre, até aproximadamente, o ano em que meu avô morreu, mais ou menos, até 1987, porque ele faleceu em outubro de 1988, e aí já não teve mais. De lá para cá acabou mesmo.

Da época de sua infância, de seu avô, você lembra de coisas que ele falava para você, sobre a escravidão, dos escravos que tinham fugido, vocês são descendentes deles?

Somos descendentes de escravos. Ele contava que o pessoal veio fugido da região de Teófilo Otoni, o avô dele, o bisavô dele, e se instalou nessa região aqui. Eles tinham aqui como um refúgio mesmo, que é um lugar de difícil acesso. E aqui eles criaram uma resistência mesmo, um quilombo para desenvolver a vida deles aqui.

E ele passou para você como eles viviam, o avô dele, a situação dentro dessa questão ainda como escravo?

De escravo, lembro dele falar muito pouco. Ele falava da forma rudimentar de vida. Eles tinham que produzir tudo que precisavam. Eles tinham que plantar o algodão, fiar, tecer e fazer a roupa. Tanto é que ele contava uma história que ele tinha duas calças, ele tinha que lavar uma, e colocando para secar enquanto estava vestida a outra. Porque se sujasse aquela outra tinha que ficar com ela suja até secar a outra.

Uma vez uma dessas calças rasgou, ele ficou só com uma. Numa noite, teve que lavar ela, colocar em cima do fogão, porque tinha que ir para a cidade no outro dia. Então ele dormiu enrolado num pedaço de pano e aconteceu que essa calça desprendeceu e caiu no fogão, queimou tudo. No outro dia ele não teve como ir para a cidade, porque não tinha outra calça para colocar. Era uma situação bem difícil.

E em relação a comida, nesse mesmo processo que você está falando da roupa?

Mesma coisa, tanto é que não tinha transporte nenhum para essa região. Tudo que consumia tinha que ser plantado e produzido no lugar. Eles viviam de frutas e do que plantavam. Cana, mandioca, batata doce, tudo, se não colhesse não tinha o que comer.

Tinha alguns pratos que eles faziam, e que de vez em quando vocês repetem e fazem ainda hoje?

Mais é o bolo de fubá. Tinha um mingau que eles faziam da raiz, acho que mungunzá, era uma raiz que eles colhiam no mato, não me lembro o nome. E fazia muito, mas agora, como não está chovendo não estamos fazendo mais. Estamos perdendo bastante nossa identidade por conta disso.

E a festa de Nossa Senhora do Rosário, ela foi mudando desde quando você era criança até hoje, ela mudou muito ou mantém as tradições?

Mantem bastante ainda do começo. Mudou um pouco porque antes o pessoal morava muito na zona rural, mas hoje em dia não, o pessoal está mais na cidade. Mas as tradições ainda são mantidas. O pessoal toca tambor, tem a comida, faz o angu no dia. Então não mudou muito, muito não.

Você comentou da festa das Bandeiras, qual o significado dela e como ela acontecia, qual era a estrutura da festa?

Hoje ainda a gente consegue manter essa festa na região. Todo ano, em São Pedro, nós temos essa festa aqui. Reúne a comunidade, faz uma festa, tem churrasco, farofa, tudo. Depois tem o levantamento do mastro com a bandeira. Tem leilões, o dinheiro arrecadado nós usamos para manter a nossa festa, da comunidade e a associação, afinal, gera custo, então tiramos dinheiro dessa festa.

E qual o significa dessa festa, ela é feita em nome de quê?

É para festejar São Pedro. É uma festa que, desde que eu sou criança me lembro dela aqui na comunidade. É bastante importante para nós, há muitos anos ela acontece aqui. Nós perdemos ela por um tempo, depois resgatamos e estamos realizando ela todo ano durante o São Pedro.

E quando vocês resgataram?

Deve ter uns dez anos, mais ou menos. Eu voltei a morar aqui, porque tive que morar em São Paulo uns tempos. Eu voltei para cá há uns sete anos, e o pessoal já tinha voltado com ela há uns três anos. Daí eu voltei, engajei com eles e estamos mantendo até hoje.

Vocês envolvem as crianças nessa festa?

Envolve porque tem fogueira, tem tudo, as crianças gostam bastante.

Mas tem uma preocupação delas estarem presentes no sentido de preservarem para o futuro?

Sim, a gente passa para eles a importância de não perder a nossa identidade. Isso faz parte de nossas raízes, é nossa cultura, nós passamos isso para eles. Na cidade tem um centro de cultura onde nossos filhos participam muito. Tem dança de capoeira, danças folclóricas, professor dando aulas, e eles participam.

O que você acha mais importante para os quilombolas, para essa cultura, para esse grupo social, para que essa história continue sendo preservada, a identidade de vocês?

O que você acha que é mais importante, o que vocês precisam garantir para que isso seja perpetuado?

Acho que, primeiramente, a posse da terra. Uma terra denominada, demarcada, essa terra é quilombola, não pode ser vendida, não pode ser desmatada, isso é importante para nós. Outra questão é o investimento em água. Precisa arranjar um meio, furação de poços ou mesmo captação de água de chuva. Porque nossa situação de água aqui, vocês viram, é muito triste. Antes tinha bastante água e hoje não tem nada. Então, acesso à terra, porque nosso meio é o extrativismo, preservação e uma demarcação dessas terras para a comunidade quilombola.

A Fundação Palmares tem atuado aqui, ela é parceira de vocês ou é um órgão público que está distante? A Fundação Palmares foi criada para defender o direito das comunidades quilombolas, entre outras comunidades negras. Como funciona aqui?

Para nós, aqui, estamos começando. Eu mesmo, já voltei há uns seis anos, não vejo muita ajuda deles aqui não. Eles têm ajudado, mas é muito pouco ainda, muito distante do que nós esperamos. A questão de demarcação de terra mesmo, vir alguém para nos auxiliar. Como uma assessoria jurídica que precisamos muito, para ver essas terras. Porque são terras devolutas, ainda, e se o pessoal que está reivindicando isso é gente que tem dinheiro, fica muito difícil para nós. É o que precisamos, da demarcação de nossas terras e uma doação maior da Palmares no nosso meio.

Faz dez anos que a luz elétrica chegou aqui na comunidade de Capim Puba, e quatro anos na comunidade de Campinhos. Lembrando que as duas são consideradas mesma coisa. Só que lá em Campinhos ainda encontra alguém morando, já aqui em Capim Puba não tem quase mais ninguém. (Ele mostra um reservatório de água). Tem um poço artesiano ali embaixo, às vezes a água chega até aqui, outras não. Porque tem muita quebra de bomba, então é difícil o pessoal ficar aqui. Mas vocês podem ver que eles vêm aqui sempre, duas a três vezes por semana. Aqui a lenha que eles usam para cozinhar. São casinhas bem simples mesmo.

O que as pessoas comem aqui?

Ah, tem que trazer de Virgem da Lapa. Aqui não produz mais nada não. No outro lugar que nós vamos ainda conseguem produzir alguma coisa, eu mesmo consigo. Eu tenho

mais ou menos umas duas mil mudas de abacaxi plantada, tenho laranja, banana, porque a terra lá é um pouquinho melhor que essa. E eu também ainda tenho um pouco de água lá, numa cisterna, que conseguimos molhar as plantas.

Puxa, aqui não produz nada, nada, tem que trazer tudo?

Nada, nada. O que produzia aqui antes era o artesanato que eles faziam. Outra questão aqui também é a questão agrária. Que tinha chapada aqui, que o pessoal vivia do extrativismo. Apanhava pequi, mangaba, a vassoura, que é um artesanato muito utilizado na nossa região, que até hoje na comunidade de Almas elas fazem muito. Agora aconteceu que estamos com problema na justiça. Olha aí onde eles passaram trator, para cercar essa chapada todinha para eles. Eu fiz uma cerca lá. Mas coloquei na justiça, porque essa chapada aqui, o pessoal que está tentando tomar ela, nunca morou na região. E nossas duas comunidades estão aqui há mais de 150 anos. Eu tenho registro, eu tenho conhecimento, são mais de 150 anos. Esse pessoal nunca morou aqui, não tem posse, não comprou isso de ninguém, e está querendo tomar.

Aqui é uma prensa onde eles usavam para fazer farinha. Tinha uma prensinha de madeira, e um varão aí, eles ralavam a mandioca, colocava aí, prensava para no outro dia tirar a massa seca para fazer a farinha.

Isso deve ser muito antigo?

Muito antigo. Isso aqui deve ter mais de 60 anos, bem mais. A base desta comunidade era o artesanato, como vocês estão vendo ali tem pote, eles usavam madeira e barro. Fazia isso e levava para a cidade para trocar por alimento, roupa, a base da comunidade era essa.

Quantas pessoas tinham aqui?

Nas duas comunidades tinha mais ou menos 60, 70 famílias, nas duas, Campinhos e Capim Puba. Só que hoje em dia, alguns faleceram, outros foram para São Paulo, mas a maioria ainda mora aqui no município de Virgem da Lapa.

Mas aqui mesmo no lugar tem quantas famílias agora?

Aqui deve ter umas seis famílias, e na outra comunidade, que é do lado deve morar umas dez, mais ou menos. Em torno de umas dezesseis a dezoito famílias que moram aqui na região, hoje ainda. O que levou muito o pessoal mudar daqui foi a questão da água. Secou as nascentes e ficou difícil. (A gente caminha pela comunidade e tem peças antigas pelo chão, de artesanato). Já imaginou colocar um negócio desse na cabeça e ir até Virgem da Lapa caminhando!?

Qual a distância?

Onze quilômetros, mais ou menos.

Como eles faziam?

Cada mulher levava uma coisa dessa aqui.

Quanto pesa um desse?

Uns 30 quilos.

Como chama essa peça?

Aqui eles chamam de pote, o maior chama “taia”, e os menores, pote. Aqui eles faziam pote, panela, colher de madeira, gamela de madeira, tudo feito do barro aqui da região. Mas como a água foi secando, foi se tornando uma atividade sem lucro, não tinha mais como manter. Daí o pessoal teve que mudar mesmo.

E essas atividades eles faziam de muito tempo atrás, desde os ancestrais, ou é algo mais recente?

Não, isso aqui é muito antigo. Só do que meu avô relata, tem mais de cem anos isso. Ou bem mais que isso.

E essa atividade, quem fazia, eram só as mulheres?

Era, basicamente. Os homens trabalhavam mais com a madeira, fazendo colher, gamela, porque exigia mais esforço físico. Enquanto que o barro era fácil de moldar, então ficava mais com as mulheres mesmo.